



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE ARTES - IARTE**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

**Prof. Artes**  
Mestrado Profissional em Artes



**GLEUTER ALVES GUIMARÃES**

**ANJOS DE AÇÚCAR “CATANDO A POESIA QUE ENTORNAS NO  
CHÃO” DA ESCOLA:**

**A poesia e a afetividade na prática pedagógica do teatro**



**UBERLÂNDIA – MG**

**2016**

GLEUTER ALVES GUIMARÃES

ANJOS DE AÇÚCAR “CATANDO A POESIA QUE ENTORNAS NO CHÃO” DA  
ESCOLA:

A POESIA E A AFETIVIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO TEATRO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional  
em Artes – PROF-ARTES da Universidade Federal de  
Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de  
Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino de Artes

Orientadora: Profa. Dra. Ana Elvira Wuol

Uberlândia - MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

- G963a  
2016      Guimarães, Gleuter Alves, 1965-  
            Anjos de açúcar “catando a poesia que entornas no chão” da  
            escola: a poesia e a afetividade na prática pedagógica do teatro / Gleuter  
            Alves Guimarães. - 2016.  
            42 f. : il.
- Orientador: Ana Elvira Wuo.  
            Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de  
            Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes.  
            Inclui bibliografia.
1. Teatro - Teses. 2. Poesia - Teses. 3. Escolas - Teses.  
            4. Afetividade - Teses. I. Wuo, Ana Elvira. II. Universidade Federal de  
            Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. III. Título.

CDU: 792

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES – IARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

Prof Artes



**Anjos de açúcar “catando a poesia que entornas no chão” da escola**

Dissertação defendida em 30 de junho de 2016.

Profª. Drª Ana Elvira Wuo – Orientadora/Presidente

Profª. Drª. Geisa Nunes de Souza Mozzer – UFG

Prof. Dr. Narciso Lorangeira Telles da Silva – UFU

# **ANJOS DE AÇÚCAR “CATANDO A POESIA QUE ENTORNAS NO CHÃO”<sup>1</sup> DA ESCOLA:**

## **A poesia e a afetividade na prática pedagógica do teatro**

**GLEUTER ALVES GUIMARÃES<sup>2</sup>**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> ANA ELVIRA WUO<sup>3</sup>**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta a trajetória da minha pesquisa de Mestrado Profissional em Artes – Teatro (PROFARTES) na Universidade Federal de Uberlândia. O projeto foi realizado na Escola Estadual Dom José Gaspar de Araxá MG. Apresenta as motivações para se desenvolver um trabalho de experiência com a poesia e teatro para alunos do ensino médio. A relação de minha trajetória na educação com a cena teatral é descrita como um mote para transmitir a ideia da arte na escola, onde os alunos vivenciam experiências e buscam espaços para sua expressão. Escolhi duas atividades vivenciadas com os alunos durante a pesquisa para representar o trabalho de oficinas teatrais, e de interpretação de textos poéticos. Uma oficina de improvisação e interpretação da letra “Construção” de Chico Buarque e um trabalho de construção de cena baseado no poema “Açúcar” de Ferreira Gullar. O artigo traça uma relação teórica entre autores que falam da poesia, do teatro e da pedagogia enfocando experiência e afetividade nas práticas e vivências significativas para o aluno em seu contexto escolar e para a sua vida.

**Palavras-chave:** Poesia, Teatro, Escola, Afetividade.

---

<sup>1</sup> Verso extraído da música “As vitrines” de Chico Buarque.

<sup>2</sup> Mestrando do PROFARTES – Mestrado Profissional em Arte da Universidade Federal de Uberlândia

<sup>3</sup> Professora do curso de Teatro do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia

# **SUGAR ANGELS “PICKING POETRY THAT FALLS ON THE SCHOOL FLOOR”: Poetry and affectivity in educational theater practice**

## **ABSTRACT**

This article presents the trajectory of my Professional Master's research in Arts - Theatre (PROFARTES) at the Federal University of Uberlandia. The project was carried out in the State School Dom José Gaspar of Araxa, MG. It presents the motivations to develop a working experience with poetry and theater for high school students. The relationship of my career in education with the theater scene is described as a motto to convey the idea of art in school, where students try experiences and seek spaces for expression. I chose two activities with the students experienced during the survey to represent the work of theatrical workshops, and interpretation of poetic texts. I produced a workshop of improvisation and interpretation about the lyrics of the song "Construction" by Chico Buarque and played a construction work based on the poem "Sugar" of Ferreira Gullar. The article provides a theoretical relationship between authors who speak of poetry, theater and pedagogy focusing on experience and affectivity in practical and meaningful experiences for students in their school environment and for their lives.

**Keywords:** Poetry, Theater, School, Affection.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. A POESIA CATADA EM MINHA HISTÓRIA .....	04
2. A ESCOLA E SEUS ESPAÇOS INTERPESSOAIS .....	08
O olho artístico para o espaço escolar .....	11
A experiência da poesia em cena.....	12
Poesia e teatro: enredos em cena.....	14
O cenário de relações interpessoais na escola.....	16
3. PRÁTICA - CONVITE À EXPERIÊNCIA COM A POESIA EM CENA.....	17
3.1 “O açúcar” - (1º experimento) .....	18
3.2 “Construção” - (2º experimento).....	22
4. ENCONTROS E DIÁLOGOS TEÓRICOS: PALAVRAS, AFETOS, EXPERIÊNCIA E DEVANEIO.....	24
Afetividade.....	26
Experiência: palavra transformadora.....	28
CONSIDERAÇÕES – DEPOIS DE CATAR E ESPALHAR POESIA.....	31
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE.....	36

## INTRODUÇÃO

“Quando nasci um anjo um anjo esbelto veio me dizer: vai carregar bandeira...” (Adélia Prado)

“Quando nasci um anjo safado , um chato dum querubim /me falou que eu estava predestinado a ser errado assim... mas eu vou até o fim.” (Chico Buarque)

“Quando nasci um anjo só veio me dizer que eu seria um executivo.. e desde então eu vivo com meu banjo executando os rocks do meu livro...” (Zeca Baleiro)

Quando eu nasci, acredito que um anjo artista veio me dizer: Vai transformar palavras em histórias, poesia em cenas, gestos e olhares em imaginação nos olhos e mentes de plateias pelos espaços escolares e onde seus caminhos levarem poesia, onde haja uma criança, um jovem ou um ser humano que receba o doce sentido de uma palavra para transformá-la em afetos e experiência de vida.

Assim tem início a trajetória de um educador que busca a poesia e o teatro para alcançar a percepção de seres humanos que iniciam suas caminhadas rumo ao conhecimento. Crianças e jovens que esperam de seus professores uma mediação para a sua formação. Procuram sentido em um mundo repleto de informação por meio de imagens e letras que nem sempre produzem versos para sua educação e conhecimento. Encontram-se em busca da descoberta de um “anjo” que lhes traga a mensagem que os direcione na estrada de vida. É pretencioso a um professor imaginar que seja esse anjo, mas ao mesmo tempo é um projeto ambicioso do educador fazer parte da legião de seres humanos que podem participar da experiência desse educando com palavras e gestos que ocupem um espaço na mente e na memória de alguém que passa pelo seu caminho.

A escolha para este trabalho do conceito de professor/artista<sup>4</sup> caracteriza a proximidade do educador e seus alunos na construção do processo de experiência teatral na aula. Biange Cabral identifica nesse professor/artista “informações sobre o contexto e a situação a serem investigados”, associando atuação e intervenção do “professor como personagem. Entretanto, o texto resultante é de autoria do aluno.” (2008, p.38). Esse professor/artista que transcreve<sup>5</sup> versos em emoção, palavras em cenários e personagens no imaginário do aluno é aquele que pode transformar o espaço da sala de aula (ou biblioteca, quadra, pátio, etc.) em um espaço de criação e vivência artística ou de

---

<sup>4</sup> Biange Cabral traz o termo “Professor-artista” em artigo sobre a relação professor de teatro e escola.

<sup>5</sup> Haroldo de Campos (1929-2003) cria o conceito de “transcrição” para definir a tradução de poemas para outra linguagem e contexto sem perder sua essência.



convivência consigo e com o outro. A experiência escolar fica gravada na mente de cada um e por isso a responsabilidade de tornar esses momentos produtivos e significativos está na atuação do educador e na forma como ele conduz e participa dessa etapa.

“Catando a poesia” no chão da escola diz respeito ao projeto elaborado para oferecer aos alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Dom José Gaspar de Araxá uma experiência envolvendo teatro e poesia. Tratou-se de oficinas de teatro, caracterizada de acordo com o texto de Narciso Telles como uma “ação pedagógica” que “torna-se o momento de experimentar, refletir e elaborar um conhecimento das convenções teatrais” que busca “instrumentalizar os participantes” com uma base teatral visando uma vivência, permitindo “uma ampliação de suas capacidades expressivas e consciência de grupo.” (2009, p.235).

As oficinas utilizaram textos poéticos para desenvolver nos alunos a capacidade de ler e interpretar poesia e letras de música, buscando através de e com o corpo criar cenas que aproximassem os versos ao contexto e ao entendimento do jovem. Buscou-se uma leitura mais aprofundada, com um tempo maior de reconhecer os cenários e os personagens que estão inseridos no poema e se procurou situar as ideias que o poeta transmite pelas palavras em seus locais e épocas e trazê-los para o tempo e o espaço em que vivem. Estudantes estão em processo de trabalhar o conhecimento de seu corpo e sua imaginação para poder expressar sentimentos, ideias e suas criações dentro do espaço que participam diariamente e convivem com amigos da mesma idade, professores e pessoas que ali trabalham: a Escola.

O objetivo da pesquisa com esses alunos foi possibilitar uma vivência teatral visando dar significado, imagem e corporeidade ao texto poético, que tem sido tratado na escola como um conteúdo para responder questões de avaliações. Em nosso entendimento, a poesia extrapola essa visão simplista, ela precisa ser experimentada, as palavras e os versos precisam encantar o jovem que vive em um mundo de informações passageiras e superficiais. Levar a poesia aos sentidos do aluno é um trabalho que o teatro está capacitado a fazer e o professor/artista tem essa condição de ocupar o espaço da escola com seus alunos, abrindo o campo para o acontecimento teatral e poético. Há espaços e tempos vazios ou ocupados com a reprodução de uma cultura produzida e repetida pela mídia imediatista e superficial que traz o sucesso instantâneo e volátil.

Os anjos (eu falo do anjo poético, uma imagem que representa o voo pelo devaneio da arte, não no sentido religioso, mas do anjo da poesia) que permeiam a pesquisa e fazem suas visitas ao professor/artista, seus alunos e escola precisam de um diálogo com autores que já estiveram presentes nesse campo da experiência pedagógica e da poética por vezes transitando nesses dois espaços. Autores que colocaram em palavras suas viagens pelos espaços teóricos e filosóficos, independentemente de correntes sócio-políticas, pois a arte já é uma experiência que traz em seu bojo uma busca de transformação do contexto social e político do espaço e momento em que atua.

Como Paul Zumthor (1915-1995) já define em sua concepção atuante de poesia: “é a arte da linguagem humana independente de seus modos de concretização e fundamentada nas estruturas antropológicas mais profundas”. Assim, nessa caminhada encontramos com o “devaneio” de Gastón Bachelar (1884-1962) que traz a poesia da “casa” onde habita nossas mais profundas memórias e nos faz pensar na poética e no devaneio da infância e dos espaços em que vivenciamos a arte e a vida. Henri Wallon (1879-1962) aproxima-se à nossa experiência com o intuito de oferecer compreensão do pesquisador sobre a necessidade da afetividade desde a infância, tema este que não se desvincula da vida do ser humano e está presente em todo momento até a idade adulta.

Nesse ponto optamos por estudar o autor para compreender os afetos no processo educacional. Embora Wallon aborde a infância, nossa necessidade de adentrar o assunto foi para perceber a afetividade enquanto um campo de conhecimento para entender os adolescentes. A afetividade é abrangente nas relações interpessoais e fundamental para o processo educacional de nossos alunos, seja na relação com o educador ou consigo mesmo e com seus colegas podendo ser vivenciada através da arte e da experiência, aproximando os temas pertinentes à educação e estabelecendo pontes como vem mostrar os escritos do educador e filósofo Jorge Larrosa com sua visão contemporânea da pedagogia e do mundo em que vivemos. Unindo os autores citados anteriormente, decolando nesse voo pela teoria fizemos uma conexão com a escrita da autora Eliana Kefalás Oliveira que traz sua experiência com arte e afetividade dentro da escola atual baseada nos conceitos de Paul Zumthor, aproximando a poesia escrita ao corpo do jovem, de forma a se transformar em movimento e *performance*.

Os anjos enunciadores que trazem as letras desses pesquisadores se encontram com os anjos proclamadores de poetas como Adélia Prado, Fernando Pessoa, Ferreira

Gullar, Zeca Baleiro, Chico Buarque e outros que aproximam seus versos para integrar e dar corpo ao trabalho do professor/artista e sua experiência poética com seus alunos.

É o momento de ocupar esse tempo e espaço escolar com uma poética diferenciada ao produto midiático e padrão, trazer teatro e poesia para abrir a visão de jovens que estão em processo de conhecimento da vida e mostrar que a cultura e arte possuem amplos horizontes para que eles, catando poesia e a conduzindo para os caminhos que venham seguir, levem em seu corpo, sua imaginação e palavras uma nova forma de participar da construção da cultura nesse tempo e espaço. Como “anjos” que proclamam palavras mais doces e poéticas na busca de um mundo mais sensível e criativo ao ser humano, com o “açúcar e o afeto” da arte.

## **1. A POESIA CATADA EM MINHA HISTÓRIA**

Sou um contador de histórias viajando pelo mundo em busca da poesia. Viajar em veículos imaginários que atravessam espaços, que entram nas páginas de um livro, que percorrem palavras através do tempo buscando a poesia envolta em gestos e movimentos, em vozes e silêncios proporciona encontros e experiências. Mas o que é poesia? Evoco Hilda Hilst e Zeca Baleiro (2006) como evocam Dionísio em versos musicados:

Porque tu sabes que é de poesia/ Minha vida secreta.  
Tu sabes Dionísio, que ao teu lado te amando  
Antes de ser mulher, sou inteira poeta.  
E que o teu corpo existe porque o meu/ Sempre existiu cantando...  
(BALEIRO & HILST, 2006, Canção II)

Assim como evocam o deus Dionísio, convido poetas e sonhadores para participar dessa minha viagem e iluminarem esse caminho de busca com suas palavras e imaginação para encontrar a resposta à questão. Adélia Prado (2010) me transporta pelos trilhos do interior para me dar uma: “Explicação de poesia sem ninguém pedir”:

Um trem de ferro é uma coisa mecânica,  
Mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,  
Atravessou minha vida,  
Virou só sentimento. (PRADO, 2010, p.48)

A poesia que Adélia explica atravessa nossa vida e transforma palavras em sentimento, invade nossos dias e nossas sensações sem perguntar nada, apenas nos faz sentir. Essa poesia que atravessa nossos sentidos e viaja pelo interior de nossos corpos

nos silencia para ouvirmos e sentirmos, assim como Ferreira Gullar (2010) viaja para dentro de si mesmo e busca descrever a poesia:

A poesia é, de fato, o fruto  
De um silêncio que sou eu, Falar: sois vós,  
Por isso tenho que baixar a voz  
Porque se falo alto, não me escuto. (GULLAR, 2010, p.47)

O frutificar do silêncio, o ouvir nossa própria voz para poder falar aos outros viajantes e aos habitantes por onde atravessamos para experimentarem o fruto da poesia que exala de nosso silêncio. Continuo viajando com minhas asas pela imensidão da poesia e recebo os versos de quem os lança pela sua própria janela ao ouvir a voz alada e ecoante de Fernando Pessoa vendo sua poesia seguir viagem:

Da mais alta janela da minha casa/ Com um lenço branco digo adeus  
Aos meus versos que partem para a humanidade.  
E não estou alegre nem triste. Esse é o destino dos versos.  
Escrevi-os e devo mostra-los a todos/Porque não posso fazer o contrário  
Como a flor não pode esconder a cor,  
Nem o rio esconder que corre,  
Nem a árvore esconder que dá fruto. (PESSOA, 2008, p.117)

Acredito que a resposta para o que é poesia está dentro das letras poéticas que viajam comigo na companhia destes e de outros poetas, atravessando cenários, flutuando com as palavras como flutua o vento, sem ser visto, mas deixando a sensação de ter sido tocado e de estar presente.

A poesia de uma vida não acontece por acaso. Não surge de repente como uma estrela cadente. A poesia acontece em cada instante vivido, sentido, amado! Atravessa anos e caminhos, percorre sonhos e estradas. Está presente em cada personagem que se lê nos livros ou revistas em quadrinhos. Em cada história criada com amigos invisíveis que povoam os momentos de brincadeiras aparentemente solitárias, mas se tornam histórias compartilhadas com esses personagens que convivem no nosso quintal, debaixo das árvores. Criando filmes, teatro... poesia!

A memória de um menino criado entre árvores, sombras e terra! Um menino criado entre livros, personagens de TV e rádio! Ideias que saem das páginas e da mente e contracenam no quintal. Quintal que ultrapassa a imaginação através de uma TV para ampliar espaços e horizontes para as histórias; TV que existe na mente rica em poesia, que sai de entre árvores e sombras de jabuticabeiras, mangueiras e bananeiras. A TV de um garoto que imagina transmitir além do quintal suas cenas... Através da poesia e dos sonhos ultrapassa o ato de brincar de representar, pois naquele quintal, naquela TV,

entre sombras a poesia ganha a luz dos sonhos e da imaginação. Realidade poética, artística e de criação, não preocupada com sucesso ou aplausos: estes estão no prazer de criar histórias, conversar com seres imaginados de ter a plateia na mente e na vida que se esconde entre folhas e frutos no quintal que é seu palco... O lugar do acontecimento poético.

A história desse menino que já lia antes de ir à escola viajava nas enciclopédias pelo mundo das letras e da poesia. Mundo de países e suas bandeiras, pelas cidades e suas memórias, histórias de heróis poetas, inventores, artistas. Ler era sempre prazer: fosse uma jornada de heróis atletas, dos quadrinhos ou dos grandes nomes da história. Viver entre histórias, lidas ou ouvidas no rabo do fogão de lenha povoava de poesia a mente do garoto. Menino calado, sozinho entre mangueiras... entre personagens. Um dia haverá espaço para contar as histórias, ouvidos que as aplaudam e olhos que sintam sua poesia? Palco que abra cortinas para a passagem de seus imaginários sonhos? Não era o tempo de pensar nisso. Era tempo de viver cada história! Nada mais! Pensar com olhos de gente grande? Para quê? A beleza poética está no momento da criação e da vivência de uma criança que só quer se alegrar e sentir a poesia da vida. Ali dentro de sua “TV Bananeira”, em companhia dos amigos que habitam “...a mesma e única casa/ a casa onde eu sempre morei” (BALEIRO, 2000) e o seu quintal... que é sonho... poesia...história de vida!

A criança que teve um enorme quintal como palco... enciclopédias, revistas de HQ, a bíblia e as histórias do rabo do fogão de lenha como fontes de inspiração e de construção de personagens guarda em sua poesia interior, os sentimentos e a vontade de soltar suas ideias e palavras, suas vozes e gestos que atravessam e expandem sua vida adulta. O homem de hoje necessita ouvir o menino guardado na memória. A vida não ficou escondida entre sombras de árvores da infância. Está presente e movimenta o fluxo poético que faz o artista, o poeta, o educador, pesquisador da poesia e das palavras... Construindo a própria história e atravessando outras vidas, histórias e poesias.

As palavras voadoras ecoam pelo mundo! Os silêncios ecoam pelos pensamentos. A poesia do conhecimento de nós mesmos ecoa pelos silêncios e pelas palavras que atravessam nossa caminhada em busca da criação. Criação de novas palavras e silêncios constroem as relações entre o “eu” e o outro. A busca por vivenciar

novas experiências e emoções transforma a trajetória de nossas vidas, nos conduz na tentativa de equilíbrio de nossas potências e incertezas. O caminho de criar e de recriar a cada nova vivência passa por um mundo de emoções, sonhos, laços com o outro, idas e vindas, como eu um globo que gira em torno de si e do outro. Nossa trajetória não começa de um dia para o outro, possui laços que construíram e constroem nossa identidade. A cidade natal, a família, os amigos visíveis e invisíveis da infância, a adolescência, a presença no hoje. Estamos em constante transformação marcando presença, mesmo que não sejamos reconhecidos ou nos reconheçamos naquele instante.

A história pessoal se conta através de acontecimentos e a reconhecemos verdadeira quando ela faz sentido para o nosso ser e marca a nossa presença dentro desse globo. Assim, quando nos reconhecemos presentes convidamos outros a participarem dessa história, como ouvintes ou com mãos enlaçadas pelo mesmo caminho, deixando a marca de quem tem história para viver e contar e mostrando que essa marca fica encrustada em quem participa dessa viagem de poesia que é feita com palavras e sentimentos transmitidos com verdade e com potência, afetando a si mesmo e a quem percorre esse caminho.

As palavras contidas em nosso interior ou em nossas viagens pelo mundo precisam ser escritas pela potência que nos atravessa, fazer ecoar em nossa vida e em nossas experiências de pensar, sentir e agir. Saborear o gosto de um poema ou de uma história é sentir o prazer de entender palavras. É recheiar nossa experiência com novos sabores de poesia. É buscar a arte da linguagem que acalma e provoca ao mesmo tempo. Perceber o sabor das palavras é perceber a singularidade do momento para produzir mais de si e criar novas experiências. Recheio que dá sabor ao nosso paladar e de quem participa de nosso banquete de histórias e poesias, ecoando em paladares requintados ou simples; com saberes, mais ou menos, desenvolvidos, transformando e provocando transformações em quem se aproxima de nossa mesa poética de vida.

Catar poesia é percorrer os espaços da escola e das vidas que passam por ela. A poesia que está pelo chão e pelo ar que se respira nesse local de sonhos, ideais e afetos transborda pelos olhares, gestos e movimentos de seres humanos em busca de viagens reais ou imaginárias. Jovens que vivem o presente entornando a poesia sem perceber e ao mesmo tempo catando a poesia de outros que atravessam suas histórias em sua companhia. Professores/artistas que acompanham seus alunos nesse catar poético e

participam da experiência de viagens que talvez só venham ser notadas no futuro e na memória daqueles que um dia entraram nesse veículo de sonhos e poesia, nesse tapete mágico de histórias, no relembrar da sensação das palavras e ventos que um dia tocaram seus corpos nesse período poético da vida em que atravessaram a escola e seus cenários, movimentos, imagens e palavras.

A poesia catada pela história pessoal pode ser novamente entornada pelos caminhos onde passamos, proporcionando novas viagens poéticas a quem viajar pelos caminhos de nossa vida, fazendo brilhar mentes em cenários de aldeias, palácios e retornando aos recantos mais secretos da escola. Caminhos e brilhos, que por serem pertinentes ao campo do sensível são, algumas vezes, visivelmente despercebidos como fonte do saber nesse contexto. Junto deste há uma incompreensão por parte dos representantes da organização escolar, instituindo invisibilidade da capacidade do professor/artista que consegue estabelecer pontes entre os devaneios poéticos com os conteúdos curriculares. Esse assunto pode ser discutido em outra viagem e momento. Para este momento a poesia viaja conosco de asas abertas a uma próxima estação... Conduzida pelo professor/artista e os anjos poéticos.

## **2. A ESCOLA E SEUS ESPAÇOS INTERPESSOAIS**

A escola como espaço de oportunidades para o conhecimento e desenvolvimento de cultura pessoal aos seus alunos tem sido contaminada com a reprodução e divulgação de uma cultura midiática e massificadora. Partilho o pensamento de Moreira (2003) ao trazer à tona o entendimento sobre o assunto: “Cultura midiática tem a ver com determinada visão de mundo, com valores e comportamentos, com a absorção de padrões de gosto e de consumo” e se relaciona com as promessas de felicidade e realização do homem. Ele complementa: “cultura de mercado” segundo a lógica e estética contemporânea “pensada e produzida para ser transmitida e consumida” com “recepção peculiares ao sistema midiático cultural.” (MOREIRA, 2003, p. 1208)

Os alunos do ensino médio chegam bombardeados pela música e sucessos imediatos e passageiros, por cenas teatrais baseadas em *stand-up* e produções de comédias rasas com conteúdos vulgarizantes, divulgadas pelos meios de comunicação de massa e pelos *sites* de vídeos da *web* que buscam velocidade de divulgação e promoção pessoal. Não vamos nos deter na discussão sobre o assunto em questão, mas o citamos como um mote disparador de questões relacionadas ao ponto qualitativo ou

não que esses meios de informação operam como fontes de distanciar o aluno de uma sensibilização estética, pelo contrário o objetivo aqui é lançar pontos de reflexão de uma práxis denominada “catando a poesia na escola” como professor/artista na escola.

Por isso, apoiamo-nos numa noção de espaço que vai além do espaço físico, é um espaço vivido e imaginado como Bachelard (1978) traduz em sua poética do espaço:

O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. (BACHELAR, 1978, p. 196)

Em minhas observações dentro desse espaço escolar concatenando as pesquisas teóricas com o espaço vivido de professor/artista falo a seguir em um trecho de uma publicação de minha autoria relacionado à perspectiva do trabalho poético na escola. O texto reflete a escola como espaço de trânsito contínuo de pessoas. Espaço onde convivem alunos, professores, gestores, funcionários e pais. Será que temos percebido, como educadores, o convívio, os conflitos, os questionamentos e a expressão que atravessam e vão além de simples trânsito? Ou pensamos que é um lugar somente para transmitir o nosso conhecimento de matérias? Ou ainda que seja o lugar conteudista de preparação para o vestibular?

Acredito que a educação e o desenvolvimento integral do indivíduo precisam ser trabalhados através de suas teias relacionais: corporais, mentais e sociais. Entendo ainda que a “escola precisa dar possibilidades de conhecimento de si, do seu próprio corpo e de suas interações com o outro.” (GUIMARÃES, 2015, p.167).

A partir dessas reflexões, percebo a necessidade desse conhecimento do ser humano para seu desenvolvimento, esse ponto de vista coloca-me na rede de formação cultural e artística do jovem no ensino médio. Expressar ideias, sentimentos e habilidades é uma forma de participar da construção de uma rede, que por definição é um “entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames, etc.” e que formam “uma espécie de tecido” (FERREIRA, 1986).

Essa é a rede poética que o aluno tece a cada momento. Tecendo com palavras, versos, movimentos e participação a rede ultrapassa o conceito de tramas de fios, alcança entrelaçamentos humanos e de sonhos possíveis. Entrelaçamentos que permitem continuar a viagem por caminhos e novas estações onde se encontra com outros anjos sonhadores e escritores do poema de vidas entregando o convite ao embarque no



veículo poético. Ao mesmo tempo deixa cair sua própria poesia para que os transeuntes possam catá-la e também viajem no imaginário. Expandir a teia de sensibilidade poética e responsabilidade com palavras lançadas ao chão da estação escola e pelos caminhos e estações da vida.

Assim as ações poéticas permitem desenvolver projetos elaborados com responsabilidade e criatividade que possibilitem o aluno conhecer o seu corpo, sua poética, de forma a serem vistos e incentivados no espaço escolar. Projetos educacionais que permitam o contato com o desenvolvimento estético e sensível em momentos e locais que o aluno possa se expressar, através da música, da dança, de exposição de desenhos, pinturas ou fotografias ou através do teatro, trazendo ao aluno a vontade de se ver e de participar, estendendo as tramas e laços para a construção de uma rede cultural a partir da escola.

Situando o leitor, faço uma parada na estação de origem do veículo poético: o espaço escolar em que procuro catar a poesia que entorna no chão se localiza no interior de Minas Gerais, na cidade de Araxá (palavra indígena que significa “lugar alto onde se avista o sol primeiro”) e que tem a personagem Dona Beja como referência histórica na formação cultural da cidade e da região é onde surge a Escola Estadual Dom José Gaspar. Situada na região central recebe alunos de todos os setores da cidade por ser conceituada como referência em Ensino Médio de qualidade. Conta com aproximadamente 1200 alunos de ensino médio e em 2016 completou 50 anos de história e tradição.

Escola com arquitetura moderna (nem sempre funcional) possui espaços físicos para serem explorados pela arte: um pátio aberto, longos corredores, um ginásio coberto, uma sala multimídia, um espaço coberto para refeitório e intervalos e onde se improvisam apresentações artísticas, além de 15 salas de aula. É um campo aberto para a ocupação artística, mas pouco aproveitado para tal. A arte ainda se prende ao conteúdo teórico e a poucas iniciativas esporádicas, limitadas às quatro paredes da sala de aula ou a apresentações em “momentos culturais” que são na verdade reprodução midiática com músicas, cenas e imitações de personagens da TV e meios de comunicação de massa.

Minha atuação é no sentido de desenvolver projetos de teatro voltados para uma prática contínua e permanente que ocupe os espaços físicos, educativos e afetivos. Buscamos juntamente com alunos e professores interessados, catar a poesia entornada

no chão escolar, que significa dar vida às palavras e à experiência artística que cada aluno tem e pode desenvolver na escola. Abrir um espaço interessante na formação desses jovens que possa ultrapassar muros, proclamando arte pelas trombetas dos anjos poéticos que visitam a vida de cada aluno: poetas, artistas e professores/artistas pairando no ar da escola derramando poesia. Jovens participando da cultura da cidade ou por outros destinos que viajem seus corpos sempre como catadores de poesia.

### **O olho artístico para o espaço escolar**

A poesia tem perdido espaço pela falta de motivação em conhecer os textos, pois existe uma cobrança baseada em avaliações curriculares dentro da escola e voltada para processos externos de entrada no ensino superior. Tais avaliações nem sempre buscam uma relação do aluno com a literatura e seus personagens, mas detalhes pinçados dentro de uma obra obrigatória, o que faz o jovem ler sem ter o prazer de entrar na história e contracenar com os personagens em cenários e épocas distantes. Permitir ao aluno esse prazer no mundo poético é o que nos faz evocar a reflexão de Zunthor (2007) sobre a implicação do corpo na percepção ao destacar a profunda e fundamental necessidade do poético em um corpo que se abre ao perfume e tato das coisas:

Que um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. Necessidade para produzir seus efeitos; isto é, para nos dar prazer. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza. (ZUMTHOR, 2007, p.35)

Assim compactuando com Zumthor acredito que a corporeidade do jovem é primordial para que ele entre no jogo da leitura e percepção e essa atividade corporal e expressiva é um caminho possível de fazer pontes de conhecimento entre o professor e o adolescente. Corporeidade em que Merleau-Ponty (1999) destaca o corpo como “um veículo do ser no mundo” (p.122) e um “conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio” (p.212) e que esse corpo não está no espaço e tempo ele diz: “eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência.” (p.195). Pensando nesse corpo e suas relações é de extrema importância e necessidade que o jogo aconteça dentro do espaço escolar.

Como nos aponta Freire “Apesar de muitos esforços educacionais” o fato concreto que se vê “um muro inexpugnável separando escola da rua, isto é, separando aquilo que se aprende no ambiente escolar do mundo vivido lá fora” (FREIRE, 2005, p.7). Existe um campo lúdico a ser explorado e compreendido como cultura do corpo,

que nem mesmo o muro da escola pode conter, mas sim aliar a um cotidiano mais expressivo, brincalhão e prazeroso. Brincar pode se tornar um contexto cultural pertinente à escola, já que o corpo é portador da cultura do brincar. Jogar com as palavras e o próprio corpo, provocar aproximações com o teatro, poetizar o cotidiano, promovendo a ludicidade por meio da teatralidade. A interação com o mundo dos personagens, dos cenários e épocas que a literatura descreve pode ser vivida e revisitada através da leitura e da interpretação corporal do jovem.

O acontecimento criativo somente surge com a participação de um professor/artista disposto a conviver com a cena, um educador que busque essa aproximação com a cultura e o seu educando. Nesse caminho de arte e leitura é imprescindível que o professor contracene com o aluno e faça relações interdisciplinares, pois a arte, a leitura, o texto, a caracterização de um personagem e seus cenários não estão somente dentro da sua matéria, transcende a história, a sociologia e outras áreas do conhecimento. O aluno do ensino médio está inserido no processo de conhecimento e autoconhecimento, é um momento de integração entre as áreas na composição de sua própria escrita de vivência e experiência. O teatro e a poesia contribuem para a relação de suas origens, histórias e construções de um ser humano com corporeidade, sentimentos, ideais e memórias.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio sinalizam as novas possibilidades de experiências com a arte para haja continuidade e para “promover o desenvolvimento cultural e estético dos alunos com qualidade”, favorecendo “o interesse por novas possibilidades, de aprendizado, de ações, de trabalho com a arte ao longo da vida.” (BRASIL, 2000, p.46) Esse incentivo que o teatro pode transmitir aos alunos é um legado que fará diferença em toda sua vida. As vivências envolvendo corpo, palavra e ações no espaço escolar refletem-se nas imagens e nos sentidos de um aluno em qualquer voo que venha alçar e qualquer estação que pare e poetize em sua vida adulta.

### **A experiência da poesia em cena**

A escola é o espaço onde os alunos passam um grande tempo de suas vidas, portanto deve ser um local para que se vivencie o máximo de experiências. A experiência precisa deixar marcas significativas na vida desse jovem, pois ele está a

cada dia em transformação, corporal, mental e das relações sociais. Larrosa (2007) aponta que:

A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos passa. (LARROSA, 2007. p.154)

Refletindo sobre esse apontamento e observando o cotidiano escolar percebemos que muitas atividades e coisas acontecem a todo tempo, mas o que realmente tem tocado nossos jovens? As informações chegam em alta velocidade, os acontecimentos passam sem que se pare para refletir sobre suas marcas e influências que podem tocar na vida de um aluno. A experiência precisa acontecer dentro da escola, os espaços para o jovem perceber acontecimentos que passem pelas suas vidas e que os toquem, é o que pode fazer desse período algo significativo para sua continuidade na idade adulta.

As memórias de algo que os tocou no ensino médio serão rebuscadas e ressignificadas quando estiverem na Universidade, no mercado de trabalho ou em atividades culturais e sociais. A educação como um todo precisa voltar seus olhos para proporcionar ao aluno tal experiência. Isto é um desafio, e nesse sentido compactuo com a pesquisa da Prof.<sup>a</sup> Sirlene Silva que ao tratar da violência entre jovens percebe que o grande “desafio posto às escolas consiste em mostrar aos alunos oportunidades e apostar na capacidade que possuem de realizar as suas ideias.” (SILVA, 2013, p. 155). Para a autora os jovens “são capazes de assumir responsabilidade, negociar, planejar e promover o que é do seu interesse.” (p.155). Considera então a escola como fonte privilegiada de mediação, assim como a família, atuando amplamente no campo da prevenção da violência, estabelecendo “uma relação respeitosa com os jovens.” (p.155).

Os caminhos que a poesia e outras artes apresentam no espaço escolar podem ser motivadores e transformadores da visão do jovem. A arte apresenta ao jovem uma oportunidade de expressão e de convivência e de afirmação diante de seus colegas. O corpo está em transformação, ideias estão sendo construídas e as experiências estão acontecendo nesse momento do Ensino Médio. É necessária uma escola sensível aos acontecimentos e às buscas dos jovens no sentido de tornar esse período prazeroso e significativo. A ocupação do espaço cultural dentro da escola não pode ser somente de reprodução, precisa ser de criação, de uma aposta na capacidade de realização dos alunos.

Necessita-se de um esforço para que se trabalhe de forma mais participativa e também em busca de experiências inovadoras e diferenciadas do que se vê na arte consumista, volátil e superficial. É tempo de a escola abrir a discussão sobre essa cultura imediatista que apenas passa e não toca ninguém. Há necessidade de que a arte e a cultura nos aconteçam e nos toquem como conjunto educacional que somos: alunos e educadores. A experiência com a cultura, mais identificada com a vida, poesia que pode ser desenvolvida pelo corpo docente e discente. Transformar a arte em algo que nos aconteça como escola e toque na vida de nossos alunos para sempre em suas realizações e memórias.

### **Poesia e Teatro: Enredos e cenas**

O trabalho que proponho para pesquisa e desenvolvimento dentro do Ensino Médio é de dar sentido interpretativo aos textos poéticos de uma forma menos formal e mecânica. As aulas de Literatura e os livros didáticos e mesmo professores da área tratam a poesia e a literatura como uma forma de preparação para o vestibular, muitas vezes com perguntas sobre o autor ou o personagem na ótica de quem prepara provas. A leitura sem interpretação se transforma em momentos desinteressantes para o jovem que vê a poesia como algo em um tempo distante. Recentemente em um encontro literário Adélia Prado<sup>6</sup> comentou sobre um de seus livros ser relacionado para um determinado vestibular: uma pessoa ligou querendo saber sobre o que ela queria dizer em tal poema para instruir os alunos. Ela disse no encontro que achava isso “muito estranho”, porque ela escreve de acordo com o momento e com sentimentos que são seus e não para responder perguntas de uma prova.

Tratando da poesia dessa forma, professores e escola não permitem que a criação do aluno e sua imaginação degustem um poema. Minha pesquisa traz a poesia para oficinas de teatro, com leitura interpretativa, improvisação e criação de cenas a partir do texto poético de forma lúdica de ler e contextualizar a literatura. Os alunos conhecem assim, um pouco da poesia de cada região do Brasil e de outras partes do mundo, particularidades, sotaques e contextos, autores e personagens, criando cenas e cenários e interpretando o texto poético de forma prazerosa. O teatro e a poesia fazendo parte do

---

<sup>6</sup> **Adélia Prado** – Poetisa mineira em palestra no encontro literário na II FLIARAXÁ – Araxá MG -2013

cotidiano da escola em seus diversos espaços e não somente como espetáculo em datas comemorativas ou apresentação de finalização de projetos da escola.

A ideia é que as cenas criadas sejam mostradas durante todo o ano, em horário de recreio, em entrada de alunos na escola e em meio a aulas. A partir desse trabalho dentro dos espaços escolares, preparar o aluno para a saída dos muros da escola e a participação na cultura local. Levar a poesia para o calçadão da cidade, feiras, entidades sociais e culturais. Mostrando o nome do projeto e da escola e propiciando ao aluno a experiência de ser um protagonista da cultura em seu contexto de comunidade e sociedade. Uma experiência significativa para a expressão do jovem, sendo visto e ouvido e abrindo portas para o teatro e a poesia, colaborando para que as pessoas também ouçam e tenham a oportunidade de conhecer a poesia e a arte que pouco se vê na mídia.

Essa experiência com a poesia é algo que marca o indivíduo, vai além de uma simples leitura, ultrapassando a sensação de apenas ouvir ou ler. Octavio Paz fala da experiência de viver o poema, para ele “possibilidade aberta a todos os homens, qualquer que seja seu temperamento, seu ânimo, sua disposição” e que a característica para que se transforme em poesia é a “participação” que só acontece quando o leitor revive o poema atingindo o “estado que podemos, na verdade chamar de poético”. Isso só pode ser alcançado pela experiência de “ir além de si, um romper os muros temporais, para ser outro.” (PAZ, 1982. p.30). O objetivo da pesquisa com esses alunos de possibilitar uma vivência teatral visando dar significado, imagem e corporeidade ao texto poético é reforçado com a experiência da leitura buscando o “estado poético”. Através da interpretação teatral dos poemas se pretende, a partir dessa pesquisa, que os alunos sintam-se capazes de ir além do próprio texto e contexto, levando essa experiência para a continuidade de suas vidas como algo significativo e marcante. O projeto busca o texto de autores clássicos, antigos e também os poetas contemporâneos para que haja reflexão sobre os momentos históricos e literários vividos em cada época.

Em minha visão de arte e de cultura para a escola acredito em um espaço que precisa voltar seus olhos para novas vivências e experiências dos alunos. Professores e gestores necessitam trazer outras possibilidades para o aluno fazer suas próprias escolhas. Venho realizando projetos de teatro dentro da escola e nas aulas de literatura em parceria com a Professora Mônica Lopes Névoa de Língua Portuguesa. O projeto de

oficinas para minha pesquisa de mestrado foi realizado em horário após a aula (quartas-feiras com alunos do 2º ano), dia que saem mais cedo em função do módulo de professores. O trabalho interdisciplinar foi dentro do horário de Literatura com a turma da Profª Mônica de 1º ano. Trabalhei com poesias e montagem de cenas. Dentro dessa busca por interpretação dos textos, incentivar a escrita e a dramaturgia do aluno na criação de novos poemas, cenas, performances e intervenções criativas na escola às vezes sendo necessário quebrar a rotina planejada das aulas e do horário para uma atividade diferenciada.

A interdisciplinaridade esteve presente na pesquisa, porque muitas vezes o “chato querubim” vem lembrar que estamos predestinados a ser errados dentro da escola e que os caminhos são tortos. “Mas eu vou até o fim” é a frase que deve ser dita pelos anjos poéticos que se contrapõem aos obstáculos, para isso é importante que haja essa interação entre mais professores e alunos dispostos a ir em frente com o “banjo” executando os poemas do livro de cada professor/artista e cada aluno.

### **O cenário de relações interpessoais na escola**

É principalmente na escola que o jovem entra em contato com sua cultura e tem momentos para divulgar suas ideias e expressar seus sentimentos e habilidades difundindo sua arte em possibilidades de manifestações. O espaço escolar precisa ser reconstruído com alternativas para ser atraente e um local de experiências interpessoais em todas as áreas do desenvolvimento. A arte pode ocupar essa lacuna que se vê na estrutura de nossas escolas. Transformar a limitação à grade curricular de poucas horas/aula de um superficial conhecimento desfocado da prática em experimentação para uma análise crítica da rotina cultural, com produção e criação de ideias e momentos para expressá-las. A arte teatral como mediadora de mundo, dando ao aluno oportunidade de buscar um entendimento do ser humano e seus contextos, de seu eu e da percepção do outro que está em volta. Um aluno que possa relacionar a observação de cenários existentes na cidade e relacioná-los com épocas e contextos distantes relatados nos textos literários. Observação que pode ser feita em personagens que ocupam os espaços públicos das cidades e que podem servir de motivação para a construção de suas vivências no palco da escola.

Acredito que a escola possa ser transformadora e participativa na construção de um cenário artístico na cidade, com propostas para a experimentação do aluno em seus

muros e a partir da abertura de seus portões para as ruas, praças e teatros. O teatro e a poesia tem a capacidade de fazer pessoas pararem para observar e ouvir em meio a tanta correria de um mundo agitado e individualista. Transformar a movimentação de pessoas em reflexão ou pausa para participar como espectador de uma cena. Transformação que só ocorre havendo disposição de todos ou da maioria de professores, gestores e alunos para participar de mudanças na estrutura do processo ensino/aprendizagem. Entrelaçando ideias, conteúdos e espaços dentro da escola para que a arte seja experiência rica na formação do nosso aluno jovem, e que muitos laços ainda terá pela frente para construir sua própria experiência de vida.

A pesquisa e o estudo de novos autores, novos paradigmas e novas reflexões precisam estar presentes na vida do educador do século XXI. Perceber e pesquisar o que há de novo dentro de sua área e suas interações é fundamental para o processo de mudança e de entrelaçamento de ideias e experiências catadas no decorrer do processo educacional.

Espero que a pesquisa através de poetas e suas palavras proporcione viagens há tempos e lugares distantes, levando o corpo a participar de cenas onde se expresse vida e sentimentos construindo sua própria história real ou imaginária sem deixar de lado a formação estética, agregando e catando poesias que entornam no chão da escola e são deixadas ao sabor do tempo e do vento.

### **3. PRÁTICA - CONVITE À EXPERIÊNCIA COM A POESIA EM CENA**

A vivência poética associada ao teatro foi compartilhada com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Dom José Gaspar de Araxá MG. Descrevo duas experiências realizadas e que podem ser visualizadas através do canal “TV Bananeira” no *Vimeo* (canal de vídeos na *web*). Uma terceira cena pode ser também visualizada “servindo poesia”, aplicação em público da experiência de oficinas. Paul Zumthor analisa essa vivência como o “momento da percepção sensorial” que atravessa o tempo e será revisitada porque marcou presença na vida desses alunos. Ele revive sua infância e adolescência através da imagem poética dos cantores de rua que entoavam poemas em seu caminho para a escola e relata que somente após sessenta anos de busca incansável, compreendeu “o que ficou, em minha vida, daquele prazer que então senti: o que me restou no consumo que fiz, ao longo dos anos, daquilo que chamamos “literatura”.” (2007, p. 29).



É a partir dessa presença de quem lê e encena que imagino deixar marcada na memória corporal e sensível dos alunos os momentos de prática poética e teatral vividos na escola. Dentre as atividades de oficinas e construção de ações teatrais destaquei duas relevantes experiências, tanto para mim como educador como para os alunos participantes. Cada uma delas com suas peculiaridades relatadas a seguir, mas sempre com uma emoção e uma afetividade transparente aos olhos de quem executou e de quem presenciou. O olhar do professor/artista foi de prazer em poder ver e compartilhar esses momentos de experiência única na vida de seres humanos que buscam sonhos e afetos. É uma experiência de êxtase estar junto com alunos que descobrem a poesia deixando suas marcas no espaço da escola e da memória de quem foi tocado e se deixou atravessar pelos olhos, sentidos e sensações. Convido você leitor, hoje, a viajar nas asas e nos trilhos da poesia lida e vivenciada comigo e com esses alunos do ensino médio.

Para prosseguir no texto é fundamental uma parada na estação “TV Bananeira”. O leitor está convidado a assistir os vídeos e perceber pelas imagens, vozes e sons os devaneios e a realidade dessas cenas de experiência poética e seus sensíveis depoimentos:

[www.vimeo.com/tvbananeira](http://www.vimeo.com/tvbananeira) - Senha/password: **teatroepoesia**

### 3.1 “O AÇÚCAR”- (1º Experimento) <https://vimeo.com/161961921> - senha: teatroepoesia

O branco açúcar que adoçará meu café nesta manhã de Ipanema  
Não foi produzido por mim nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.  
Vejo-o puro e afável ao paladar como beijo de moça/ água na pele, flor que se dissolve na boca. Mas este açúcar não foi feito por mim.  
Este açúcar veio da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia. Este açúcar veio de uma usina de açúcar em Pernambuco ou no Estado do Rio e tampouco o fez o dono da usina.  
Este açúcar era cana e veio dos canaviais extensos que não nascem por acaso no regaço do vale. Em lugares distantes, onde não há hospital nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome aos 27 anos plantaram e colheram a cana que viraria açúcar. Em usinas escuras, homens de vida amarga e dura produziram este açúcar branco e puro com que adoço meu café esta manhã em Ipanema. (GULLAR, 2009, p.14)

Assim como o “doce açúcar” não surge por acaso no açucareiro, descobrir a docilidade de jovens que aparentam uma dureza sem afetos não acontece por acaso em sala de aula. O processo da transformação da cana em um refinado pó que é capaz de transformar amargo em saboroso e doce passa por um ciclo de amarguras e rudezas. Retirar o sabor de uma planta aparentemente dura e seca requer uma dedicação e um

desgaste humano físico e da terra onde se encontra. É necessário quebrar estruturas, moer partes duras para extrair um pouco da doçura escondida dentro da planta. Para se chegar ao açúcar purificado ainda se passa por uma purificação pelo fogo e outros processos. E com seres humanos? Qual a relação? Refinar crianças ou jovens, buscar extrair da rudeza de atitudes e tratamentos a doçura escondida por uma casca de aparências duras de sentimentos e de tratamento superficial e de pouca afetividade entre pessoas do convívio diário.

Retirar sabor de jovens endurecidos pela vida que expõem amargura e rancores exige dedicação, desgaste humano e da terra/escola onde se encontram. É necessário quebrar estruturas, moer egos e doar afetos; extrair doçura requer expandir afetividade, mesmo com palavras firmes e duras, mas com um olhar voltado para um devir em que esses seres humanos em desenvolvimento possam transformar sabores e serem também afetados por possibilidades de crescer e produzir ideias e ideais, afetos e ciclos de transformação de vidas.

Falo da experiência do teatro e da poesia em uma turma de 1º ano de ensino médio, considerada de reunião de alunos destinados ao “fracasso”, seja escolar ou de relacionamentos e afetos. O 1º I, que quando mencionado por professores e gestores se transforma em “1º iiiiihhhh”. Desafiado pela professora de português a idealizar um trabalho teatral com a turma buscando uma forma atraente de trabalhar literatura com esses alunos, fui à procura de algo que pudesse ser refinador e transformador, talvez apenas auxiliador. Como tornar isso possível? A escola estava trabalhando com um tema interdisciplinar que é a cana-de-açúcar e sua influência na região na atualidade. Nessa busca para relacionar a arte, a literatura, o tema, minha pesquisa de mestrado e os alunos do 1ºI me transportei para a poesia da letra de Chico Buarque na música “Cio da Terra” e encontrei com Ferreira Gullar e seu poema “Açúcar” sugerido pela prof.<sup>a</sup> Mônica de Literatura. O desafio: “Afagar a terra... conhecer os desejos da terra... fecundar o chão!”

Confesso que conhecer o terreno e seus componentes não foi uma tarefa simples. Trabalhar no caos, tentar um pouco de concentração para uma explicação ou improvisar uma cena – tarefa árdua. Um decepar de cana a cada encontro ou ensaio. Recolher e forjar o milagre das sensações e concentração de alunos que não parecem dispostos a essa leitura e entendimento de um tema ou de um momento de criação e relacionamento

afetuoso. Um campo onde os desejos parecem não fluir ou não serem expostos, um chão de ideias difícil de fecundar e produzir. Seguem-se as buscas por esse trabalho no turbilhão e o barulho dos canaviais onde o vento faz sons que ecoam pelo ar. Criar cenas, recolher as ideias que aparecem nas improvisações, transformar lampejos em usinas. Abstrair das cenas as ideias para o entendimento de um ciclo poético que traduz a dureza de um ciclo de vida de dureza, introduzir cada um dentro do texto e do contexto para extrair a expressão que as palavras propõem: “... produziram esse açúcar... com que adoço meu café nessa manhã...”.

Quatro cenas: 4 fases que representam um ciclo: hora de produzir o açúcar, tirando a doçura de momentos de amargo e dureza.

Quadro 1: Os homens de vida dura que morrem aos 27 anos em lugares distantes de uma vida com doçura e poesia; sem afetos e sem saúde enfrentam com facões os canaviais para adoçar a vida de alguém que não conhecem e nunca verão.

Quadro 2: Famílias que buscam fugir da dureza dos canaviais, saem à procura de lugares e vida com mais esperanças, mas no caminho percebem longa caminhada que terão de enfrentar no sol a sol das estradas da vida. Retirantes em busca de um teto e de uma vida onde possam dar poesia aos filhos dos canaviais extensos, roubando da cana e da estrada a doçura de uma vida digna.

Quadro 3: Em um mundo cheio de desigualdades, o produto da cana pode ser devastador e única forma de enfrentar a realidade de cidades que reservam apenas os tetos de pontes com a companhia da amargura e da ardente água que aquece as noites perambulantes da fome e da busca por migalhas de vida.

Quadro 4: A família que adoça o café da manhã em Ipanema ou São Paulo ou qualquer outra grande cidade, distante da amargura do canavial, mas desfrutando dos sabores produzidos ao longe, sem imaginar ou apenas sem querer imaginar o ciclo de vida curta de seres humanos que vivem pouco e que roubam da cana e dos homens a doçura do mel.

Voltando aos alunos do 1º I, os alunos que sugam energias e com quem aprendemos a buscar no caos o sentido poético e teatral da sensibilidade de Ferreira Gullar e Chico Buarque. Enfim criamos e podemos discutir ideias e de como ficaria melhor a cena para a plateia. Chegamos ao formato com o rodízio da plateia diante dos

quadros e cenas, até por uma melhor movimentação para os alunos, já que o rodízio das cenas com a plateia parada, como pensado inicialmente, ficaria um pouco mais complicado.

Um ponto a se destacar: os alunos não quiseram apresentar a cena para os colegas de outras turmas, talvez pela baixa autoestima ou pela questão da idade e do medo da crítica de adolescentes em fase de afirmação. Apresentar aos professores se torna um desafio e uma forma de buscar afirmação, demonstrar que podem ser capazes de produzir um pouco de açúcar e até pela busca consciente ou inconsciente do afeto e da presença. Do poema até a cena... Passando pela leitura, a escuta da música, as improvisações, os ensaios, a dúvida sobre o figurino, a apresentação da cena... O acontecimento. A plateia é de professores estudando novas maneiras de lidar com os novos tempos no ensino médio em busca de tirar mel da cana (o processo dessa extração está detalhado mais adiante). Momento de reflexão sobre a dificuldade da educação na escola do séc. XXI: como enfrentar canaviais extensos e transformá-los em campos férteis. E o comportamento dos meninos “caóticos” no acontecimento teatral? É o momento em que o professor/artista sente que a arte transforma – a visão: Alunos concentrados, olhares que buscam afirmação em outros olhares; Firmeza e incertezas nas palavras e gestos; Surpresa no olhar dos professores; Um processo que se desenvolve na escola: a poesia, o teatro, o incentivo, o afeto. A tentativa de dar uma experiência, uma vivência a alunos que são vistos como sombras... mas sombras que carecem de luz e espaço para serem vistos de forma diferente...produtiva... criativa! E assim o açúcar pode adoçar o café da escola... ele vem de terras que podem ser vistas distantes, mas podem produzir se o milagre do pão e do açúcar for a transformação de seres humanos a cada dia. No espaço da sala de aula e da escola... com o trabalho de troca de afetos e busca de mudança de dureza em doçura.

Todo processo de criação e metodologia tem seu ciclo: o ponto de partida foi uma leitura dramatizada do poema “açúcar” em sala de aula convidando-os a participar do projeto e das oficinas. Uma aula semanal no horário dedicado à aula de literatura com oficinas de teatro no espaço da biblioteca. No primeiro encontro mostrei um vídeo com cenas reais de um canavial, também apresentei a eles versões diferentes da música “cio da terra” com intérpretes atuais e antigos. A partir daí começamos a trabalhar improvisações sobre o tema nas aulas. Passei à leitura do poema interpretada pelos alunos, improvisação e exercícios de teatrais a partir do próprio texto poético. Na fase

seguinte a construção das cenas e sua dinâmica, escolhendo os alunos para cada quadro, os ensaios e a preparação para apresentação.

No dia, a montagem do cenário, a preparação do figurino e as instruções (dadas pela prof.<sup>a</sup> Mônica) aos professores/plateia sobre o acontecimento cênico, a concentração e o momento de incentivo aos alunos. Enfim começa a poesia em cena! A cena aconteceu com os professores divididos em 4 grupos. Cada um diante de um quadro, ao sinal de uma sirene de fábrica as cenas acontecem ao mesmo tempo, com fragmentos do poema em cada ciclo. Novo sinal, a plateia fez o rodízio até assistirem às quatro cenas. No final do ciclo duas alunas interpretam o poema inteiro no meio do círculo, depois foi oferecido um pedaço de rapadura a cada um da plateia, simbolizando o produto doce da cana. A apresentação foi dia 25/06/15 no horário de módulo, quando todos os professores da escola estão reunidos.

### 3.2 “CONSTRUÇÃO” - (2º Experimento) - <https://vimeo.com/album/3971617>

Em uma proposta de atividade dentro de nossos encontros apresentei aos alunos o poeta Chico Buarque através da canção “Construção”. Iniciando a atividade com uma escuta inicial da música, concentrados no que a letra tinha a dizer e quais imagens poderiam ser construídas na mente de cada um deles. Uma letra musicada que conta uma história, com personagens bem descritos e ações delineadas. A partir dessa escuta propus a leitura do texto sem música e em seguida a composição corporal que eles pudessem criar em cima das palavras e atitudes dos personagens. A letra fala de um dia de despedida na vida de um trabalhador:

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido  
Subiu a construção como se fosse máquina...  
(BUARQUE, 1971)

A intenção inicial da oficina era de criar uma cena teatral através da improvisação, buscando os movimentos, as expressões de cada momento que o texto descreve e para além do próprio poema traduzir as reações dos personagens que contracenam com o pedreiro neste seu último dia de vida e desespero. Houve um momento individual para que cada um compusesse o personagem e contasse a história de acordo com aquilo que ele entendeu e gostaria de transmitir em cena. Depois envolvendo outros personagens e cenários imaginados pelos alunos participantes foram se agregando expressões e sentimentos à movimentação.

A partir dessas movimentações começaram a surgir questionamentos sobre o tema da música. Interessante o deslocamento da ideia inicial de construção cênica de uma letra de música partindo para um debate sobre o contexto histórico em que foi escrita, as comparações com o momento político, cultural e sócio econômico do Brasil chegando até mesmo a comparações sobre a censura da década de 70 aos tempos de Hitler na Alemanha e de sua ascensão ao poder. As palavras poéticas gerando busca por conhecimento.

O teatro e a música despertando o interesse pelas biografias de artistas que não estão nos meios de comunicação de massa e nem tem suas músicas baixadas em aparelhos sonoros digitais dos jovens de hoje. Uma letra musicada que fala poeticamente de um trabalhador em conflito consigo mesmo, sem conseguir sustento e dignidade para sobreviver em uma grande cidade que suscita uma conversa sobre a produção cultural da atualidade e a criatividade de artistas para burlar a censura e transmitir de uma maneira poética o desespero de um ser humano sufocado pela miséria e a opressão instalada em uma nação que não se preocupa com a situação em que vivem as classes que constroem os edifícios “tijolo por tijolo” compondo o cenário de uma cidade dita civilizada.

O momento de discussão sobre a arte, a política e a história foi espontâneo e envolvente para todos os participantes da oficina. Fizeram perguntas sobre minha vivência nesse período histórico, sobre meu conhecimento da música, da arte e dos artistas de minha juventude e de como era a divulgação pelas rádios e televisão e a qualidade do que se via e ouvia através desses meios.

A riqueza dessa experiência de conversa que não estava prevista para uma aula de improvisação e interpretação veio encaixar com a minha proposta de pesquisa que traz a poesia e o teatro para dentro da escola como um conteúdo despertador de criação e que expande a busca pelo conhecimento meramente artístico, mas também de que o texto poético lido e interpretado com o tempo necessário para se extrair além das palavras e versos traz uma gama de relações sobre a vida, a história, os sentimentos vividos pelo ser humano através de épocas e contextos distantes cronologicamente do nosso aluno, mas que pode ser apreciado e aproximado de suas vivências e relações vividas em seu hoje no ensino médio, na sua cidade e em seu país.

Um poema ouvido, com um cenário imaginado e cenas construídas em suas mentes, apreciadas e representadas com o prazer e a ludicidade de se experimentar corporalmente o jogo das palavras e ações que trazem sentido à leitura de um texto

poético dentro da escola, sem a preocupação de responder questões preparadas para uma avaliação de literatura, buscar uma boa nota ou de ser aprovado em um processo seletivo de uma faculdade e/ou de uma avaliação externa para classificar o aluno ou a escola em relação a outros da cidade e região. Através disso se pode entender a experiência desse aluno, subjetiva, individual e não repetida ou narrada por outro. Experiência transformadora de si como a escrita de um livro que é única e pessoal e que pode alcançar pessoas onde estiverem.

A escrita da história de alunos do ensino médio é uma construção que se dá a cada experiência vivenciada e buscada dentro da escola. A leitura de poemas, de letras de música e teatro não pode se restringir a mera formalidade dentro de aulas, mas sim colocada como uma possibilidade de pensar, imaginar e criar, uma experiência que seja significativa e prazerosa gerando conhecimento e transformação pessoal e para a sociedade onde esses anjos proclamarem sua poesia de versos e vida.

#### **4. ENCONTROS E DIÁLOGOS TEÓRICOS: PALAVRAS, AFETOS, EXPERIÊNCIA E DEVANEIO**

Ao entrar em uma escola silenciosa, antes da chegada dos alunos e seus sons, é possível caminhar por seus corredores e salas fazendo um exercício poético de sonhar com as palavras se ajuntando para transformar em versos a caminhada de crianças e jovens. Percorrer os espaços físicos desse abrigo repleto de significados e imagens que se fixarão na memória de cada ser humano que transita entre livros e carteiras, entre sons e palavras escritas no quadro da experiência que se vive nessa fase da vida e que não se apaga como se fosse escrita com giz.

Conhecemos a escola atual e sabemos a distância que esse cenário está de ser o lugar de sonhos descrito por Bachelar: “A casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”. A escola não é essa casa dos sonhos e memórias de nossos jovens, embora para muitos de nossos alunos seja um refúgio protetor da realidade. Ainda assim, sonhamos que é possível relacionar salas e corredores escolares com a casa que marca o espaço dos devaneios e das memórias:

Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Então, os lugares onde se viveu o devaneio se reconstituem por si mesmos num novo devaneio. É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis. (BACHELAR, 1978, p.201)

As imagens que vêm à mente revisitam os lugares marcantes da infância ou da juventude e para muitos de nossos alunos a escola ainda é um refúgio e local em que podem vivenciar afetos. A casa onde inicialmente brincamos, onde primeiro representamos e poetizamos está presente em toda nossa existência. O diálogo que se apresenta nas lembranças entre lugares que nos fazem sonhar é entre a casa e a escola; boa parte da infância se passa dentro desses ambientes de histórias, de experiências, de abrigos e de devaneios. A criança e o jovem contracenam com outros, fazem amigos, discutem, amam, entristecem e se alegram; enfim, vivenciam os sonhos e a realidade, brincam com o lugar e as oportunidades que se oferecem nesse espaço de relações humanas. Protegido ou exposto é o momento em que é permitido sonhar e se conhecer, e novamente viver outros devaneios a cada dia.

O certo é que as lembranças da escola, assim como da primeira casa, sempre serão revividas por qualquer caminho em que se trilhe. E ainda dialogando com Bachelar encontramos em suas palavras a poética dos espaços: “nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida.” (1978, p.201). A poesia perdida que nas palavras e na voz de Chico Buarque pode ser catada pelo chão dos caminhos e exposta das vitrines:

Na galeria, cada clarão  
É como um dia depois de outro dia  
Abrindo um salão  
Passas em exposição  
Passas sem ver teu vigia  
Catando a poesia  
Que entornas no chão (BUARQUE, 1981)

A poesia perdida que conta a história de cada um e é deixada pelos caminhos é catada, apanhada, encontrada por outros que passam por este lugar, podendo ser exposta e reutilizada para novas emoções em outros olhos que perseguem os passos de quem desfila pelos corredores da escola e da vida. Uma poesia que pode ser catada e depois entornada para que alguns pisem, outros achem e joguem de novo no chão, mas pode também servir de inspiração para que se componham novos poemas e se desperte novos sentimentos e sonhos para serem lançadas para outras mãos e olhos que as encontre.

A ideia de trabalhar a poesia dialogando com o teatro na escola é uma busca para se encontrar a poética que é deixada de lado em função do conteúdo e das rotinas



avaliativas do ensino médio. Presenciamos um distanciamento da poesia, um entornar para ser esquecida no chão e pelos cantos após a temida prova ou o temido vestibular.

### **Afetividade**

Henri Wallon em seus estudos sobre a criança traz uma fonte sobre a afetividade que alcança os nossos alunos também no ensino médio. Ele coloca as imitações como uma forma espontânea sem ter uma “imagem abstrata” como modelo. Então a criança “só imita as pessoas por quem se sente profundamente atraída ou as ações que a cativaram” e nesse afeto “na raiz de suas imitações, há amor, admiração e também rivalidade”. (2010. p. 144).

A criança é cativada e só imita modelos que realmente lhe atraem, há uma relação de afetividade que produz as reações e os movimentos de imitação. Ela não consegue imaginar algo abstrato naquilo que está vendo e reproduzindo, só percebe que está sendo feito por alguém que lhe cativa e atrai. Pensando no adolescente, ele consegue imaginar um movimento, um gestual, e cenários para praticar uma ação teatral ou imitativa, mas com seus próprios pensamentos e criando elementos que trazem a ideia de quem está lendo ou transmitindo uma possibilidade de criação de cena. A presença que vai mediar essa ação cênica é sempre de alguém que lhe atrai, assim como na criança, uma pessoa que o afeta e que permite essa liberdade de fazer com que o jovem se expresse e deixe a poesia e o corpo fluir.

Essa presença afetiva pode ser de um artista, de um professor/artista ou a figura de alguém que o cativa, seja por palavras, exemplo como artista, mas principalmente como alguém que permita aproximação com o aluno. Um professor que saiba participar do jogo teatral e corporal e saiba dar voz ao jovem, que está necessitando de afeto, mesmo que tente esconder isso.

Wallon traz a ideia de que a criança necessita de um tempo para processar e assimilar o que vê para depois reproduzir a ação: “De fonte afetiva no início”, a imitação “Não é a reprodução nem imediata nem literal dos traços observados”, percebemos que primeiro ocorre afeto para depois ele ser assimilado. “Entre a observação e a reprodução transcorre habitualmente um período de incubação que pode ser de horas, dias ou semanas”. (WALLON, 2010. p.144). Esse tempo no jovem é mais rápido, pois ele já tem um conhecimento de seu corpo e de suas possibilidades e pode ao mesmo tempo criar novos movimentos e visualizar novas cenas diante de um texto ou

de uma imagem, além da mera imitação. A ideia de que “as impressões que precisam amadurecer para gerar os movimentos não são somente visuais ou auditivas”. Existe um jogo com as palavras, os sons e as imagens que são transmitidas, mas também com a sensibilização e o pensamento. O adolescente com que vivenciamos essa experiência de construir as cenas através da poesia e da música, pensa, imagina e cria de acordo com seu conhecimento corporal e de expressão na voz e no gestual.

Ele elabora cenários em sua mente e encontros com outros personagens, que mesmo não estando no poema, podem contracenar naquele contexto de jogo do acontecimento cênico. A relação de afetividade é importante, pois há nesse instante a necessidade de aprovação do professor/artista para que ele sinta segurança em continuar a criar e liberdade de buscar novas experimentações.

Eliana Kefalás Oliveira (2014) descreve sobre o trabalho da literatura na escola como um jogo que é preciso jogar com o texto e com os sujeitos que contracenam. Ela afirma que o leitor quando entra para jogar com o texto literário pode ser levado a percorrer várias trilhas e possibilidades. Endosso a ideia de que o texto convida ao jogo e que se faz necessária a presença para que haja recepção e o encontro com o texto. “Presente naquele instante, naquele momento da leitura, nas possibilidades de sentido ali suscitadas, no contato com aquelas palavras, imagens, materialidades.” (OLIVEIRA, 2014, p.121).

A maneira do leitor/aluno participar é com a cumplicidade do professor artista que oferece essa relação de jogo com palavras e corpo. O convite ao jogo só é aceito com os adolescentes do ensino médio se houver uma relação afetiva com esse mediador, de outra forma haverá uma barreira difícil de suplantar tanto com o texto poético como no ato de transformar palavras em cena. Para que a cena aconteça, Oliveira ainda diz que “abrem-se espaços para que o leitor não somente componha sentidos no texto, mas o performatize. O leitor é convidado a atuar no texto.” (p.122).

A ideia de ouvir o texto, deixando-se contagiar pelas palavras e pelas sensações que ele produz no corpo faz com que seja expresso de forma a traduzir em movimento e em emoção para si e para o outro que está presente nesse momento chamado de performativo por Zumthor “Todo texto poético é, nesse sentido, performativo, na medida em que aí ouvimos, e não de maneira metafórica, aquilo que ele nos diz.” As palavras lidas pelo corpo trazem uma percepção presente que faz com que aconteça a

vivência “e se nenhuma percepção me impele, se não se forma em mim o desejo dessa (re)construção é porque o texto não é poético.” (ZUMTHOR, 2007, p.54).

Essa atuação performática é um convite ao aluno e ao professor a construírem essa relação que implica acolhimento, descobertas sobre si e sobre as palavras de um texto poético; A busca desse trabalho a partir do material humano traduz essa relação entre o professor e o aluno e a arte. É o se colocar no chão com a criança a procurar poesias espalhadas pelo chão; é dialogar com o corpo jovem que busca se conhecer através do contato com o outro e procura sentir a presença e os afetos através de uma cena para expressar sentidos e sentimentos, ideias e palavras, transformando esse momento em um acontecimento e levando essa experiência para sua vida fora da escola.

### **Experiência – Palavra transformadora**

A palavra é um fator determinante no processo educacional e em qualquer atividade do ser humano, é o que nos diferencia dos outros seres vivos. De acordo com Larrosa “As palavras determinam nosso pensamento” porque quando pensamos nos valemos de “nossas palavras” e concordo que o pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar” como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. (LARROSA, 2007, p. 152).

É através das palavras que nos colocamos diante do mundo e das pessoas, com elas podemos mostrar quem somos e o que podemos transmitir aos outros que nos atravessam. O educador precisa usar as palavras para produzir sentido e transformação à experiência de cada aluno que passa diante de si. É necessário despertar o desejo de pensar sobre e com as palavras de forma a produzir sentido quando ouvidas no espaço educacional. As palavras são nomeadoras de nossas atitudes, pensamentos, ideias, sentimentos, do que somos ou vivenciamos.

Dialogando com Larrosa que diz que “A experiência é o que nos passa, ou que nos acontece ou o que nos toca” percebemos que é preciso ter isso em mente quando estamos no processo educacional. Porque cada vez mais as coisas passam e muito rapidamente que nem sempre produzem experiência. O mundo exige o imperativo de se posicionar, de uma opinião imediata sobre a informação. Acontece que informações rasas e rápidas produzem opiniões sem aprofundamento e ainda dão entrada para manipulação midiática, política ou de outra pessoa. Na escola, vemos proliferar alunos

que são ditadores e outros que se submetem a isso. Ditadores porque impõem opiniões e não aceitam o debate e outros para não ficarem por baixo as acatam. Estamos em uma sociedade que não aceita debate, gerando conflitos pela intolerância de posicionamentos diferentes principalmente porque não há tempo para a experiência de análise e discussão das ideias e informações recebidas. Falamos em alunos, mas temos professores nessa mesma situação, reproduzindo informações e impondo opiniões.

Analizamos ainda a "falta de tempo" que não deixa a experiência acontecer embarcando nas palavras de Debord (2008) que trata da relação da sociedade com o consumo desses lampejos de "tempo espetacular, tanto como tempo do consumo das imagens, em sentido restrito, como imagem do consumo do tempo, em toda a sua extensão." (p.105). É a consequência da necessidade de avançar nas novidades, nas novas informações e que não permite um minuto de silêncio para ouvir e entender o que se passa. A experiência não existe sem pararmos para ver e ouvir, deixar que as coisas se instalem e nos atravessem, senão se transformam apenas em momentos de visualização passageira de imagens.

O relógio como figura central dos consumos particulares domina a possibilidade de experiência e mesmo que se passe mais horas na escola e nas atividades de formação, menos tempo se tem para que se permita vivenciar a educação, o conhecimento e a experiência. Não havendo a experiência "o mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido." Esse tempo se transforma em mercadoria e afasta as reais vivências, a consequência dessa visão mercadológica dominante na cultura é o "afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem." (p. 28). Esse afastamento entre pessoas impede a vivência e o prazer na relação da educação e a poesia de viver. Esta experiência de educação só é vivida e sentida quando há uma pausa para que ela nos passe nos aconteça e nos toque. É preciso cultivar a ideia de se dar um tempo e um espaço para que tudo aconteça.

Para ocorrer experiência, é necessário que haja um sujeito, um indivíduo por onde acontece e por quem passam os acontecimentos. A experiência deixa marcas e tais marcas necessitam de um espaço para se instalarem. O sujeito da experiência precisa estar preparado para viver esse acontecimento, pois haverá exposição de si, uma abertura para que as transformações tenham nele um lugar, permissão para que haja um

encontro da experiência com seu próprio corpo. Existe ainda a necessidade de se ter envolvimento, paixão para que a experiência alcance e atravesse o ser humano.

Na educação, esse envolvimento, paixão pelo conhecimento, pela transformação de vida deve estar sempre presente no educador para que ele seja canal de atravessamentos e encontros; sem essa paixão as relações com o educando passam a ser formais ou sem nenhuma relevância para a experiência do aluno, tornando-se mera transmissão de informação e sem deixar marcas no sujeito em formação, criança ou jovem. Essa paixão deve tocar o aluno para que ele sinta desejo em se tornar também um sujeito da experiência, assim ocorre transformação pela educação.

Em vista da experiência e do sujeito da experiência na educação, como a arte pode marcar presença em todo esse processo de transformação? É uma pergunta que gera outras indagações e que traz à tona a busca de sentido e de espaço para a arte na escola. É de suma importância ressaltar que a arte na escola dentro da contemporaneidade não pode ser mais tratada como um adestramento de alunos ou um processo de reprodução de obras de arte sem uma análise e sem a busca por uma experimentação pessoal do aluno com as possibilidades artísticas. É preciso ver a arte e sua experiência como um “interruptor” acendendo as possibilidades de percepções e afetos que dão início ao jogo de palavras e de acontecimentos que proporcionam experiência de prazer e de conhecimento ao aluno de arte.

Assim, a responsabilidade de proporcionar esse espaço de encontro do aluno com a experiência de conhecer e fazer arte é do educador, e para que isso aconteça o professor deve vivenciar as experiências desse jogo. O professor/artista que segundo RACHEL (2014) “possibilita um trânsito mais aproximado entre a ação de educar/aprender e a ação criativa” (p.52) mudando o paradigma de ensinar artes como reprodução de obras “para o reconhecimento das capacidades individuais dos estudantes e estímulo à criação e experimentação” (p.53). Isso faz a diferença do que acontece nas aulas e do docente dentro do sistema escolar, no qual existem professores sem formação na área e sem a experiência artística que apenas complementam suas cargas horárias e são repetidores de modelos.

Para que a educação e a arte participem desse encontro com a vivência e as experimentações transformando o espaço escolar e fazendo sentido para a vida, a experiência precisa ter seu momento de silêncio de escuta em meio à velocidade da

informação e opiniões. É necessário que ela provoque esse espaço e tempo para haver transformação. A arte e a experiência da arte abrindo caminhos para que a vivência nos passe, nos toque, nos atravesse e que estejamos prontos para sermos sujeitos dela, transformados e transformadores dentro da sociedade contemporânea e isso reflita em nossa memória e em nossa experiência de viver.

O açúcar adoça o café da manhã de um encontro poético em que Larrosa se apresenta para experimentar o café com poesia e palavras, entendendo que tudo que nos passa e nos toca faz sentido na construção do sujeito, dialogando com Wallon que observa o caminho do açúcar em direção à xícara e tenta perceber o aroma que cativa, assim como faz ao observar o caminho percorrido pela criança através da afetividade de quem a cativa. Propondo uma experiência de movimento e de fonte para as suas relações e vivências podemos encontrar os diálogos entre os estudos do ser humano em constante transformação, como acontece com nos movimentos de adoçar o café. Esse encontro continua acontecendo nas palavras sobre a arte e a poesia na escola com a leitura performática do texto quando sentam à mesa Eliana Kefalás Oliveira e Paul Zumthor propondo a *performance* do corpo na recepção e percepção dos sabores e da apreciação prazerosa do bom café assim como a arte pode transformar versos poéticos recebidos e vivenciados em presença e prazer expressivo. O professor/artista servindo o café nesse encontro se delicia com os diálogos que aproximam a teoria, os estudos da experiência prática e viaja nas asas que levam a sonhar com um ser humano e uma sociedade mais consciente e poética. O encontro se arremata na casa dos devaneios e memórias que são imaginados catados no chão proclamados à mesa por Gastón Bachelar: “As imagens poéticas suscitam o nosso devaneio, fundem-se nele. Estávamos a ler e eis que nos pomos a sonhar!” (1988, p. 61).

## **CONSIDERAÇÕES – DEPOIS DE CATAR E ESPALHAR POESIA**

É o momento de recolher a arte deixada pelo caminho da experiência no espaço escolar; buscar respostas e questionamentos através do que foi feito e do que não aconteceu. Perceber a relação que a arte produziu nos alunos que participaram desses encontros de poesia e teatro; por fim, refletir sobre a ocupação e as barreiras encontradas para trazer uma poética diferenciada aos tempos e espaços da escola.

O olhar de professor/artista me permite dizer que o acontecimento poético na vida dos alunos trouxe uma relação de aproximação com cada um deles. O trabalho de oficina e construção de cenas com a turma do 1º ano abriu um diálogo com alunos arredios e de difícil contato. Após o trabalho, o resultado percebido até na forma de me cumprimentar, hoje me chamam pelo nome, indo onde eu estiver para conversar. Em sala de aula, ouvi relatos de professores de que houve uma mudança de comportamento, já que os alunos agem com menos agressividade que anteriormente e mais participação nas aulas. Medir a relação de mudanças com o projeto de teatro não é possível, mas com certeza vejo uma grande colaboração da arte e da poesia para que isso tenha ocorrido. Acredito que o doce açúcar vai aos poucos adoçando o café da manhã de cada um pela vida afora.

Os resultados com os alunos de 2º ano que participaram, aceitando o convite à poesia e ao teatro de forma voluntária, tem se refletido no meu convívio com eles. Por motivos alheios à minha vontade, que ainda precisam caminhar muito na visão de gestões e gestores escolares, tive de interromper a continuidade das atividades. Esse fato provocou uma insatisfação nos alunos que pretendiam prosseguir com o trabalho e de certa tristeza por não terem o tempo e o espaço para a sequência. Continuo em contato, em alguns momentos, com a parceria da professora de Literatura, tenho participado das aulas levando um pouco da poesia.

A escola ainda tem muito a aprender para abrir seus espaços e tempos para deixar fluir a poesia e a experiência artística de seus alunos; para acreditar e perceber que a poesia e a arte não são meros conteúdos para se estudar e responder questões. Entender que o jovem está em constante busca de seu espaço e de novas vivências que vão ficar cravadas na memória de vida deles. Reproduzir a cultura midiática não transforma seres humanos em criativos e criadores e não atravessa e nem toca as emoções e as relações de afetividade que estão a floradas nessa fase da vida. É preciso oferecer mais espaço, mais tempo, mais poesia, mais vivências de forma responsável e diferenciada, participativa na construção da cultura da pessoa e da sociedade.

A trajetória de um professor/artista e pesquisador que busca a experiência de trazer poesia e teatro ao palco da escola não se encerra, tem pontos de partida para novas viagens e cenários encontrando novos atores/alunos para espalhar poesia pelos caminhos. É essencial a continuidade de projetos relacionados à arte na escola, para isso

precisa-se olhar para o que foi feito e vivido, acreditar que a semente que se lança germina em quem se dispõe a recebê-la, crer que a poesia catada hoje ficará gravada na memória para ser experimentada e lançada em outras cenas da vida e história de jovens.

A certeza é que minha história tem mais um capítulo escrito com cenas poéticas e a experiência de sentir os sabores da arte. Experiência de buscar significado naquilo que estudo e trago para contracenar com outros atores no espaço escolar. Momentos açucarados e outros não, mas sempre relevantes para minha trajetória. Analisando a caminhada com a percepção do devaneio poético, vejo que a mensagem do anjo artista que veio me dizer para transformar palavras em histórias, poesia em cenas, continua a ser espalhada e cada vez mais me impulsiona a continuar catando e espalhando poesia por onde houver plateia com corpos carentes de sonhos e de afetos que a arte pode transformar em viagens reais ou imaginárias.

A estação PROFARTES, nessa minha viagem poética, representou o momento de perceber o anjo artista que me fez percorrer esse caminho catando a poesia no chão de minha história. As disciplinas voltadas para perceber o sensível na poética teatral, a experiência como conhecimento do meu “eu” poético e das possibilidades de participar da arte junto com alunos que se descobrem e procuram um veículo para sua viagem pessoal trouxeram uma nova percepção do estudo e da pesquisa no contexto da arte na escola e na vida. Partindo de memórias remotas da poesia de minha vida, passando pela vivência em conjunto com outros professores/artistas pesquisadores, pude traçar o caminho e os veículos poéticos nessa viagem através da pesquisa. Nesse tempo e espaço, pude compartilhar essa trajetória dentro do veículo da poesia e das palavras com a orientadora Prof.<sup>a</sup> Ana Wuo que soube apontar caminhos e desvendar alguns mistérios de anjos poéticos e teóricos conclamando suas presenças nessa estrada, que não foi linear nem livre de obstáculos, mas que pôde ser redirecionada em seu curso.

O momento é o da chegada, mas será esse o ponto final? Novas estações em novas estradas para catar poesia? Quem sabe escrever novos poemas, novas histórias ou criar uma estrada de proclamação de palavras e cenas? O futuro está na visita do anjo artista que vem com o vento assoprando em meus sentidos e indicando o roteiro da próxima viagem poética.



## REFERÊNCIAS:

**BACHELAR**, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 250 p.

\_\_\_\_\_. A poética do Espaço. **Bachelar**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos... (et al.). São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores). 359 p.

**BRASIL**. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Ministério da Educação. Brasília, 2000.

**BALEIRO**, Zeca. **Minha casa. Líricas**. São Paulo: MZA Music. 2000. Faixa 1.

\_\_\_\_\_. **Você só pensa em grana. Líricas**. São Paulo: MZA Music. 2000. Faixa 9.

\_\_\_\_\_ & **HILST**, Hilda. **Canção II. Ode descontínua e remota para flauta e oboé – de Ariana para Dionísio**. São Paulo: Saravá Discos, 2006. Faixa 2.

**BUARQUE**, Chico. Até o fim. **Chico Buarque**. Rio de Janeiro: Marola edições Musicais, 1978. Disponível em [http://www.chicobuarque.com.br/letras/ateofim\\_78.htm](http://www.chicobuarque.com.br/letras/ateofim_78.htm). Acessado em 10/10/2015.

\_\_\_\_\_. **Construção. Chico Buarque - Construção**. Rio de Janeiro: Marola edições Musicais. 1971. Disponível em: [http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=construcao\\_71.htm](http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=construcao_71.htm). Acessado em 10/10/2015.

\_\_\_\_\_. **As Vitrines. Chico Buarque - Almanaque**. Rio de Janeiro: Marola edições Musicais. 1981. Disponível em: [http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=almanaque\\_81.htm](http://www.chicobuarque.com.br/discos/mestre.asp?pg=almanaque_81.htm). Acessado em 28/10/2015.

\_\_\_\_\_ & **NASCIMENTO**, Milton. **O cio da terra. Milton e Chico**. Rio de Janeiro: Marola edições Musicais - Três Pontas EDI, 1977.

**CABRAL**, Biange. O professor-artista: perspectivas teóricas e deslocamentos históricos. **Urdimento**. Florianópolis, Vol. 1, n. 10, pp. 35-44. Dezembro 2008.

**DEBORD**, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. 10ª reimpressão. Contraponto, 2008. 238 pp.

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

**FREIRE**, João Batista. Da escola para a vida. in: VENÂNCIO, Silvana & FREIRE, João B. (org.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores associados, 2005. (Coleção Educação Física e Esportes).

**GUIMARÃES**, Gleuter Alves. Escola, teatro e poesia: tramas para a construção de uma rede de cultura. **Cadernos de educação, tecnologia e sociedade (CETS)**, Inhumas, v.8, n.3, 2015. p.166-170. Disponível em: <http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/view/234> Acesso em: 21 maio de 2016.

- GULLAR**, Ferreira. O açúcar. **Dentro da noite veloz**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- \_\_\_\_\_. Falar. **Em alguma parte alguma**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- LARROSA**, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. (Coleção Educação: ciência e sentido). 360 p.
- MERLEAU-PONTY**, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.
- MOREIRA**, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educação e Sociedade – Revista de Ciência da Educação**. Campinas, vol. 24, n.85, Dezembro 2003. p.1203-1235.
- OLIVEIRA**, Eliana Kefalás. Letras vivas: leitura literária e *performance* na formação do leitor. In: OLIVEIRA, Eliana Kefalás; MORAES, Giselly Lima de; PEPE, Cristiane Marcela (org.) **Leitura literária e mediação**. Campinas: Leitura Crítica, 2014. p.113-125.
- PAZ**, Octavio. **O arco e a Lira**. Tradução de Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (Coleção Logos).
- PRADO**, Adélia. Com licença poética. **Bagagem**. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- PESSOA**, Fernando. XLVIII de O Guardador de rebanhos. **Mensagem**. 2.ed. São Paulo: Martin Claret. 2008. (Coleção a obra-prima de cada autor) 176p.
- RACHEL**, Denise Pereira. **Adote o artista, não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido Professor-performer**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. 171p.
- SILVA**, Cirlene Maria da. O enfrentamento da violência no contexto da escola: com a palavra os adolescentes. In: LAGO, Marilúcia Pereira do; MOZZER, Geisa Nunes de Souza; SANTIBANEZ, Dione Antonio (Org.). **Adolescência: temores e saberes de uma sociedade de conflito**. Goiânia: Cânone Editorial, 2013. p.143-160.
- TELLES**, Narciso. As oficinas de teatro e a prática do artista-docente. In: TELLES, Narciso; FLORENTINO, Adilson (Org.). **Cartografias do ensino do teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p.233-237.
- WALLON**, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 212 p.
- ZUMTHOR**, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. 128 p.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – TV BANANEIRA

Como parte integrante do trabalho de conclusão de Mestrado na modalidade “Proposta pedagógica”, consta o presente artigo científico acompanhado de material pedagógico virtual na *web* desenvolvido especificamente para este trabalho. O material consta de vídeos das atividades realizadas e depoimentos de professores e alunos envolvidos na trajetória de catar poesia no chão da escola.

Disponível no seguinte link com senha:

<https://vimeo.com/tvbananeira>

Senha/password: **teatroepoesia**

